

# O LÉXICO DE GRACILIANO RAMOS

## Contribuições para um vocabulário literário bilingue do regionalismo brasileiro

MICHELA GRAZIOSI

SAPIENZA UNIVERSITÀ DI ROMA - CATTEDRA VIEIRA

**Abstract** – Starting from some considerations regarding the process of compiling a bilingual literary vocabulary, this paper will discuss examples of culturally marked lexicon employed by Graciliano Ramos in a corpus of selected novels and their respective translations into Italian. The aim is to demonstrate how the multifaceted cultural and social reality of reference of the analyzed works emerges through the writer’s lexical choices. At the same time, the paper also wants to illustrate that the study of regionalism and other cultural markers constitutes a precious didactic material in university courses, not only in the area of Translation Studies but also from an interdisciplinary perspective, which considers linguistic and extralinguistic connections, to deepen the varied elements of the Northeastern culture in its globality.

**Keywords:** Graciliano Ramos; literary vocabulary; lexicon; regionalisms; cultural markers.

### 1. O vocabulário literário bilingue: uma introdução

Partindo da apresentação das fases principais da elaboração de um vocabulário literário bilingue (português-italiano) baseado na seleção de um *corpus* de obras de Graciliano Ramos, este artigo visa expor e discutir alguns exemplos do léxico culturalmente marcado escolhido pelo autor que, como é sabido, consolidou notavelmente a experiência revolucionária do modernismo. Será privilegiada, então, a análise dos ‘marcadores culturais’ (Aubert 2006), ou seja, unidades lexicais e lexias ancoradas numa cultura e num ambiente natural específicos, que revelam aquelas subtis e indivisíveis relações existentes entre aspetos linguísticos e sociais, determinando, ainda, consideráveis dificuldades na reflexão sobre o traduzir e no fazer tradutório.

De acordo com Aubert, a identificação das ‘marcas culturais’<sup>1</sup> constitui uma tarefa fundamental no âmbito das pesquisas descritivas na tradução, na

<sup>1</sup> Relativamente aos trabalhos sobre os domínios culturais, adotamos a reformulação da proposta de Nida (1945) feita por Aubert (1981, 2006) para facilitar a classificação dos chamados ‘marcadores culturais’. Na opinião de Aubert (2006), ‘marcadores culturais’ e ‘marcas culturais’

linguística contrastiva baseada em *corpora* de originais e traduções, assim como na elaboração de dicionários e vocabulários bilíngues e materiais pedagógicos (2006, p. 23). Portanto, o presente artigo parte do pressuposto de que o estudo do léxico culturalmente marcado representa um instrumento não só útil do ponto de vista pedagógico e tradutório, mas também válido para uma abordagem interdisciplinar. Por outro lado, o vocabulário constitui também um material de consulta para qualquer tipo de pesquisador interessado na cultura brasileira. No âmbito do estudo de obras literárias regionalistas, fortemente vinculadas a realidades geográficas e sociais específicas, lidas em língua original e em tradução, torna-se fundamental a análise deste rico material textual: até mesmo os falantes nativos pertencentes a áreas geográficas e culturais diversas encontram dificuldades no processo de compreensão da plenitude dos seus elementos.

O ponto de apoio do artigo é a minha tese de doutoramento, intitulada *A língua de Graciliano Ramos: para um vocabulário regionalista*,<sup>2</sup> que se baseia num estudo pontual da escrita do autor alagoano, repleta de regionalismos, indigenismos, africanismos, provérbios e expressões idiomáticas, que veiculam especificidades culturais do Nordeste brasileiro, assim como de todo o país. Tendo assumido como modelo principal *O léxico de Guimarães Rosa* (2001) de Nilce Sant’Ana Martins, a compilação deste vocabulário literário torna-se útil sobretudo na medida em que consegue fornecer uma ajuda concreta na compreensão de uma língua rica e particularmente complexa, estabelecendo uma relação profunda com o vasto contexto geográfico, social e cultural de referência dos romances, dando uma ideia da extensão e da complexidade das escolhas lexicais que caracterizam toda a obra do autor.

Ao escrever *São Bernardo*, o intento de Graciliano Ramos, como ele próprio explica numa carta dirigida à esposa Heloísa, é realizar uma narrativa linguisticamente inovadora, repleta de palavras e expressões do Nordeste. A este respeito, o escritor define a língua do seu segundo romance “um

são sinónimos. Outros autores, como Reichmann e Zavaglia, consideram os ‘marcadores culturais’ relativos a elementos textuais que representam relações abstratas (as ‘marcas culturais’) “que se estabelecem espaço-temporalmente entre esquemas culturais mais gerais e esquemas culturais mais específicos” (2014, p. 52). De acordo com Aubert, “[...] mesmo aspectos aparentemente restritos à dimensão gramatical não deixam de conter essas marcas [...]. No plano discursivo, podem ser observadas marcas desta natureza particular nas intertextualidades que fazem sentido em determinado complexo língua/cultura, mas fazem outro sentido (ou sentido algum) em outros complexos língua/cultura. Outras marcas, ainda, dizem mais diretamente respeito à dimensão referencial das línguas, remetendo aos universos ecológico (flora, fauna, topografia, hidrografia, etc.), da cultura material (objetos e espaços criados pelo homem), da cultura social (relações sociais de toda ordem) e da cultura religiosa (nos termos de Nida, 1945), ou, talvez, mais precisamente ideológica (referências a sistemas de crenças) [...]” (2006, pp. 24-25).

<sup>2</sup> Título original em italiano: “La lingua di Graciliano Ramos: verso un vocabolario regionalista”.

brasileiro encrocado” (1992, p. 134), pretendendo referir-se à forma falada da variante brasileira do português, exaltando as belezas inéditas<sup>3</sup> encontradas no falar nordestino e colocadas no livro, certo do sucesso da sua experiência. De uma maneira absolutamente original, o autor insere-se no processo de reavaliação da língua oral, da cultura e da história local no âmbito literário, que já tinha sido iniciado pelos modernistas da primeira fase: cuidando da elaboração formal da língua, por um lado, e interessando-se pela preservação do léxico de matriz popular, pelo outro, ele introduz nas suas obras regionalismos e fórmulas próprias da oralidade que provêm de um percurso contínuo de aprendizagem e aprofundamento da própria língua regional, graças ao contacto com pessoas locais, que acabam por revelar-se dicionários em carne e osso, guardiões de um saber precioso e inédito.

O presente trabalho de pesquisa insere-se num projeto mais amplo de elaboração de um vocabulário que seja de interesse não só para a obra de Graciliano Ramos mas também para outros escritores regionalistas, de acordo com o objetivo proposto pela Cátedra de Língua e Tradução portuguesa e brasileira da Sapienza de preencher uma lacuna existente na Itália. Portanto, o vocabulário em questão é concebido como suporte de leitura, compreensão e aprofundamento tanto da obra do autor alagoano quanto do regionalismo brasileiro em geral, por parte de estudantes universitários italianos de língua portuguesa, pesquisadores e tradutores interessados em investigar alguns aspetos peculiares de uma parte específica e significativa da literatura brasileira.

Relativamente ao *corpus* das obras analisadas, foram selecionadas as que estavam mais relacionadas com a realidade rural nordestina (*São Bernardo*, *Vidas Secas*, *Infância*, *Alexandre e outros heróis*), repletas de uma grande variedade de material textual regionalista e culturalmente marcado. Atualmente, na perspetiva de uma publicação mais exaustiva de um primeiro volume do vocabulário, cujo projeto é coordenado pela Professora Sonia Netto Salomão, estão a ser inseridos os restantes romances memorialistas, *Caetés* e *Angústia*, assim como os quatro volumes de *Memórias do cárcere*, que igualmente apresentam um material textual precioso e notável.

Não existe uma tradução italiana de *Caetés*, primeiro romance do autor (1933), ao contrário do que sucede com a sua segunda obra, *São Bernardo* (1934), traduzida por Fernando de Oliveira da Fonseca e Gianni Perlo para a Bollati Boringhieri, em 1993. De *Angústia* (1936) temos apenas uma tradução muito datada: *Angoscia*, de Franco Lo Presti Seminerio, para a Fratelli Bocca Editori (1954). *Vidas Secas* (1938) foi publicado em italiano em 1961, pela Nuova Accademia Editrice, com o título de *Terra bruciata*. A mesma tradução, com pequenas alterações, foi reeditada pela mesma editora

<sup>3</sup> “Coisas boas da língua do Nordeste, que nunca foram publicadas” (Ramos 1992, p. 134).

em 1963: muda o nome, *Siccità*, mantém-se o tradutor, Edoardo Bizzarri. Por fim, em 1993 e 2001, sob a orientação de Andrea Ciacchi, *Vidas Secas* foi publicado com o título de *Vite Secche* para a Biblioteca del Vascello. Nessa edição foi mantida a tradução de Bizzarri, como o próprio organizador explica, “por causa da sua extraordinária eficácia, introduzindo apenas aquelas alterações que trinta anos de contactos com o Brasil por parte do mundo editorial italiano tornaram necessárias” (Ramos 2001, pp. 10-11, tradução nossa). *Infância* (1945), *Alexandre e outros heróis* (obra póstuma, publicada em 1961) e *Memórias do cárcere* (obra póstuma, publicada em 1954) ainda não possuem uma tradução italiana. Nesse sentido, o presente vocabulário configura-se também como um auxílio para futuras traduções, fornecendo ainda atualizações das mais datadas, quando necessário, à luz de um estudo cuidadoso de um conjunto de aspetos geográficos, culturais e linguísticos do Nordeste brasileiro, desenvolvido ao longo dos anos.

A metodologia de pesquisa consistiu basicamente na leitura das obras seleccionadas, na consulta de diferentes dicionários (da língua portuguesa, regionalistas e fraseológicos), no intercâmbio de informações com professores brasileiros e, mais em geral, falantes nativos, na Itália e no Brasil, principalmente na *Fundação Biblioteca Nacional*, na Biblioteca da *Academia Brasileira de Letras*, na UFRJ e na UFF, no Rio de Janeiro, e na UFAL, em Maceió, no estado natal de Graciliano Ramos. O vocabulário consta de duas secções: a primeira é dedicada ao léxico, a segunda aos provérbios e às expressões idiomáticas. Ao lado dos regionalismos de origem nordestina figuram também as expressões e os termos conhecidos e difundidos em outros estados do país que, no âmbito da realidade do Nordeste, adquirem significados específicos. Portanto, os termos e os idiomatismos seleccionados são sempre analisados de acordo com os diferentes contextos nos quais estão colocados, fundamentais para avaliar as traduções feitas e propor as novas, em caso de ausência.<sup>4</sup>

## 2. O léxico: os regionalismos

Como já foi dito antes, o *corpus* do vocabulário literário bilingue é constituído por obras seleccionadas de acordo com a possibilidade de fornecerem uma ampla e rica amostra de material textual regionalista e culturalmente marcado, incluindo também romances que ainda não foram traduzidos para o italiano. Considerando a escassez de estudos que

<sup>4</sup> É fundamental destacar a importância do contexto a nível pragmático. De facto, existe uma relação forte entre o enunciado e a situação da enunciação, em virtude do valor de ‘realia’ dos idiomatismos (Salomão 2021, p. 87). Como é óbvio, isto é válido também para todas as palavras culturalmente marcadas, objeto deste estudo, que se baseia exclusivamente no léxico.

aprofundam este tema na Itália, nas páginas seguintes serão apresentados termos pertencentes às obras já traduzidas, com propostas de atualização de algumas traduções; nos casos em que foram escolhidas ocorrências encontradas apenas nos romances desprovidos de tradução, serão avaliadas também traduções inéditas, acompanhadas de modo sintético por algumas reflexões teóricas e metodológicas em relação ao processo de tradução. De facto, como salienta Aubert, uma vez que as marcas culturais presentes nos textos originais constituem elementos problemáticos no ato de traduzir, elas “darão ensejo a comportamentos tradutórios específicos, diversos – em natureza ou em distribuição – àqueles encontrados nos segmentos de texto não marcados culturalmente” (2006, p. 23).<sup>5</sup>

Nas tabelas que se seguem apresentam-se as seguintes informações: os lemas selecionados, colocados no singular, em itálico; o contexto de referência, cujas leitura e compreensão são fundamentais para entendê-los e traduzi-los; as traduções de cada lema, em negrito (colunas da esquerda); as definições (colunas da direita). No caso das obras que não foram traduzidas para o italiano, quando as propostas de tradução são minhas, estas são assinaladas pela sigla TA. No que diz respeito às definições, de acordo com a reelaboração feita no vocabulário literário bilingue, baseado no já mencionado *O léxico de Guimarães Rosa* (2001) de Nilce Sant’Ana Martins, optou-se por propor, na maioria dos casos, uma síntese das informações encontradas nas fontes lexicográficas consultadas entre Itália e o Brasil, para que as explicações fossem sintéticas e, ao mesmo tempo, o mais possível exaustivas. Os principais dicionários utilizados para reformular com maior detalhe as definições no presente artigo são os seguintes: Houaiss A. *et alii* 2001 e 2009, *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Objetiva, Rio de Janeiro; Buarque de Holanda A. 2009, *Novo Dicionário Aurélio*, Editora Positivo, Curitiba; Borba F. da S. 2002, *Dicionário de usos do português do Brasil*, Ática, São Paulo; Câmara Cascudo L. 1984, *Dicionário do folclore brasileiro*, Editora Itatiaia, Belo Horizonte; Navarro F. 2004, *Dicionário do Nordeste*, Estação Liberdade, São Paulo; Borges CJ. 2010, *Dicionário regional de gírias e jargões*, Serra, ES, Editora do CTC; Chiaradia C. 2008, *Dicionário de palavras de origem indígena*, Limiar, São Paulo; Machado JP. 1986, *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua portuguesa*, Editorial Confluência, Lisboa.

<sup>5</sup> De acordo com Aubert (1998), que propõe uma revisão do modelo de Vinay e Darbelnet (1958), as modalidades de tradução dos marcadores culturais são classificadas sobre dois eixos: o da tradução direta (transcrição, empréstimo, decalque, tradução literal e transposição) e o da indireta (explicitação/implicação, modulação, adaptação e tradução intersemiótica). Mesmo não se colocando entre estas categorias, fazem parte do conjunto também as modalidades de omissão, correção, erro e acréscimo. Cf. também Salomão SN. 2020, *Aspectos linguísticos e culturais da tradução: o complexo tema do sentido*, em “Temas da Língua Portuguesa: do Pluricentrismo à Didática”, Nuova Cultura, Roma, pp. 53-75.

Em relação ao nosso *corpus*, partimos de uma breve amostra de alguns entre os principais regionalismos de origem nordestina, basicamente ligados ao cotidiano da realidade rural sertaneja, pano de fundo da maioria das narrativas (Tabela 1). Em geral, assinalam-se palavras de emprego coloquial que refletem inteiramente as modalidades expressivas dos protagonistas e o contexto de proveniência:

<p>1. <i>Embeleco</i>          Discutimos duas horas, repetindo os mesmos <i>embelecos</i>, sem nenhum resultado. (SB, 23)  <b>Ritornello</b> (SBI, 26)</p>	<p>Empecilho, estorvo, obstáculo.          Na Bahia, o termo identifica também um relacionamento clandestino.</p>
<p>2. <i>Molecoreba</i>          Pelo menos o Gondim e Padre Silvestre estiveram lá examinando a <i>molecoreba</i> e acharam tudo em ordem. (SB, 76)  <b>Scolaresca</b> (SBI, 76)</p>	<p>Bando de moleques.</p>
<p>3. <i>Muxicão</i>          - Fiz aquilo porque achei que devia fazer aquilo. E não estou habituado a justificarme, está ouvindo? Era o que faltava. Grande acontecimento, três ou quatro <i>muxicões</i> num cabra. (SB, 110)  <b>Spintone</b> (SBI, 110)</p>	<p>Empurrão, safanão, acompanhado de puxões e beliscões.</p>
<p>4. <i>Quenga</i>          Provavelmente a datilógrafa dos olhos verdes [...] morava numa casa de quintal sujo, lia romances tolos, admirava uma <i>quenga</i> semelhante a D. Mercedes. (AN, 102)  <b>Pupattola</b> (ANi, 108)</p>	<p>Mulher que exerce a prostituição.          Na linguagem informal, algo de imprestável, inútil.          Do quimbundo <i>kienga</i>, “tacho”: no Nordeste, grande recipiente de ferro, utilizado nos engenhos para o cozimento do caldo da cana para transformá-lo em açúcar.</p>
<p>5. <i>Tunco</i>          Se um de nós soltava a expressão condenada, ela se zangava e corrigia: <i>tunco</i>. (INF, 70)  <b>Schiocco di lingua</b> (TA)</p>	<p>Estalo com a língua para expressar pouco-caso.</p>

Tabela 1.

A maior parte dos regionalismos encontrados nas obras selecionadas caracterizam principalmente os falares dos estados nordestinos de Alagoas e Pernambuco. Destacam-se igualmente alguns termos ligados à cultura baiana

(*vatapá*<sup>6</sup> CT, 103) ou que nela adquirem significados específicos (*embeleco*, exemplo 1, Tabela 1), assim como regionalismos amazônicos (*carapanã*<sup>7</sup> AN, 203) ou termos ligados à realidade cultural e natural amazônica (*morubixaba*<sup>8</sup> CT, 39; *machado*<sup>9</sup> INF, 101).

As palavras em questão indicam principalmente os objetos e os espaços da vida cotidiana e do trabalho, destacam a intervenção do homem no ambiente circundante (*cacimba*, Tabela 2), denotam partes das habitações (*copiar*, *caritó*, Tabela 2), as várias tradições (*chegança*, *embolada*, Tabela 2) e a comida (*carne-de-sol*, Tabela 2) dos habitantes do sertão. Entre estas, assinalam-se também palavras que, além de serem conhecidas em outros estados do país, veiculam significados ancorados ao território nordestino e às suas práticas (como no caso de *cacimba* e *copiar*, Tabela 2). Em relação à natureza, distinguem-se também os termos que não são regionalismos nordestinos, mas identificam uma vegetação típica daquela ampla e variegada região (por exemplo *baraúna* VS, 19; *juazeiro* VS, 9; INF, 132, AN, 153):

<p>6 <i>Cacimba</i> Difícilmente pintaríamos um verão nordestino em que os ramos não estivessem pretos e as <i>cacimbas</i> vazias. (INF, 26) <b>Fossa d'acqua</b> (TA)</p>	<p>- Cova aberta em terreno húmido ou pantanoso para recolher a água presente no solo. - No Nordeste o termo indica uma cova, semelhante a um poço, em local baixo e húmido ou em leito seco de rio, onde a água do solo se acumula. Do quimbundo <i>kixíma</i>.</p>
<p>7. <i>Copiar</i> Um dia, em maré de conversa, na prensa de farinha do <i>copiar</i>, minha mãe tentava compor frases no vocábulo obscuro dos folhetos. (INF, 77) <b>Veranda</b> (TA)</p>	<p>Alpendre das casas rurais nordestinas, com teto sustentado por madeira e prumo, que serve, às vezes, de varanda. A sua origem é tupi.</p>

<sup>6</sup> Prato típico baiano de origem africana, constituído por um creme consistente, feito com pão amanhecido ou farinha de trigo, azeite de dendê e leite de coco, ao qual se acrescentam peixe fresco, camarões secos e frescos, amendoim e castanha de caju torrados e moídos.

<sup>7</sup> 'Carapanã' é sinónimo de 'mosquito'; aliás, o termo indica também um povo indígena do Nordeste da Amazônia e a sua língua.

<sup>8</sup> Chefe temporal de tribos indígenas brasileiras da Amazônia. Na linguagem informal, o termo designa também: uma pessoa que exerce funções de comando; um guia.

<sup>9</sup> Pequeno cágado muito comum nas matas da América do Sul. No Brasil, encontra-se em toda a Amazônia e na faixa que vai do Espírito Santo até Mato Grosso.

<p>8. <i>Caritó</i>  - D. Glória, comunico-lhe que eu e a sua sobrinha dentro de uma semana estaremos embirados. Para usar linguagem mais correta, vamos casar. A senhora, está claro, acompanha a gente. Onde comem dois comem três. E a casa é grande, tem uma porção de <i>caritós</i>.  D. Glória começou a chorar. (SB, 94)  <b>Camera</b> (SBI, 92)</p> <p>Quitéria, na cozinha, mexia em cumbucos cheios de miudezas, escondia peles de fumo no <i>caritó</i>. (AN, 23)  <b>Stufetta</b> (ANi, 13)</p> <p>Foi a sala, passou por baixo do punho da rede onde Fabiano roncava, tirou do <i>caritó</i> o cachimbo e uma pele de fumo, saiu para o copiar. (VS, 41)  <b>Nicchia</b> (TB, 78; VSi, 41)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Moradia de pessoas pobres.</li> <li>- Prateleira ou nicho rústico nas paredes das casas sertanejas.</li> <li>- Quarto onde se guardam coisas velhas.</li> <li>- Local imaginário onde se abrigam as ‘solteironas’.</li> </ul>
<p>9. <i>Chegança</i>  Vinte anos depois seriam balizas no clube carnavalesco, contramestres de <i>chegança</i>, donas de casa sossegadas que levariam, pendurada no fura-bolo, uma garrafa de querosene amarrada pelo gargalo. (AN, 126)  <b>(Equipaggio di) navi di gesso</b> (ANi, 136)</p> <p>A segunda composição referia-se a episódios de <i>chegança</i>, briga de mouros e crentes verdadeiros, mas tinha o nome de marujada e encerrava diversas interpolações. (INF, 143)  <b>Chegança</b> (TA)</p>	<p>Dança de par praticada em Portugal no séc. XVIII, considerada imoral e proibida. No Nordeste, o termo refere-se a uma representação pública popular da época natalícia, baseada em tradições ibéricas, cuja coreografia evoca as aventuras marítimas portuguesas e as lutas entre cristãos e mouros.</p>



<p>10. <i>Embolada</i> Naquela noite de lua cheia estavam acorados os vizinhos na sala pequena de Alexandre: seu Libório, cantador de <i>emboladas</i>, o cego preto Firmino e Mestre Gaudêncio curandeiro, que rezava contra mordedura de cobras. (AL, 11) <b><i>Embolada</i></b> (TA)</p>	<p>Processo musical e poético que ocorre nas estrofes de cocos e desafios, caracterizado por textos declamados rapidamente sobre notas repetidas.</p>
<p>11. <i>Carne-de-sol</i> Mastiguei um punhado de farinha seca, um pedaço de <i>carne-de-sol</i> e uma rapadura, rezei minhas orações, tirei as botas e espichei-me na areia, vestido, com o rifle na mão, a carona cheia de notas servindo-me de travesseiro. (AL, 62) <b><i>Carne-de-sol, carne essiccata al sole</i></b> (TA)</p>	<p>Carne bovina fresca, levemente salgada e colocada para secar e desidratar em local coberto e ventilado (Norte e Nordeste).</p>

Tabela 2.

Como podemos observar na Tabela 2, a palavra *caritó* (exemplo 8) apresenta vários significados, de acordo com o contexto no qual está colocada. No Nordeste, este termo está ligado também a uma prática indígena, indicando uma parte da casa onde estão confinadas as mulheres na fase de transição da adolescência para o casamento e as ‘solteironas’, segundo o *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* e o *Dicionário do folclore brasileiro*. De facto, a expressão nordestina *ficar no caritó* significa ‘envelhecer solteira’. Portanto, é provável que, no contexto de SB (o primeiro trecho do exemplo 8), quando o protagonista Paulo Honório informa D. Glória que vai casar com a sobrinha dela, ao utilizar este termo esteja a referir-se, de modo irónico, aos quartos da casa reservados às solteironas, onde a velha teria encontrado hospitalidade.

No *corpus* das obras selecionadas encontram-se, portanto, numerosos *realia*<sup>10</sup>, que notoriamente merecem uma atenção especial no processo da tradução, constituindo um dos maiores desafios para os tradutores por não terem correspondências exatas em outras línguas. Claramente, na prática da tradução não existem decisões certas ou erradas e serão o contexto situacional e a consideração do valor dos *realia*, em cada caso, a fornecer uma ajuda

<sup>10</sup>De acordo com Vlahov e Florin, os *realia* são definidos como “[...] palavras (e locuções compostas) da língua popular que constituem designações de objetos, conceitos, fenómenos típicos de um ambiente geográfico, de uma cultura, da vida material ou das peculiaridades sócio-históricas de um povo, de uma nação, de um país, de uma tribo, que têm uma cor nacional, local ou histórica; estas palavras não têm correspondências precisas em outras línguas” (1969, p. 438 in Osimo 2004, p. 64, tradução nossa).

notável na escolha da maneira mais adequada para comunicar quer o significado semântico quer as nuances culturais (Vlahov e Florin 2020, pp. 6, 27).

Entre as várias possibilidades de tratar os *realia*<sup>11</sup>, muito frequente é a prática de traduzir de forma aproximada o conteúdo através da substituição do conceito específico por meio de um outro genérico (Vlahov e Florin 2020, p. 38). Igualmente praticada é a estratégia do ‘análogo funcional’, que prevê a troca dos *realia* da cultura da língua de partida por outros elementos da cultura da língua de tradução, provocando assim uma reação semelhante no leitor: é o caso, por exemplo, da escolha de um jogo conhecido pelo leitor da língua de tradução no lugar de um jogo desconhecido presente no texto original, assim como a substituição de um instrumento musical ‘neuro’ na língua de tradução, desprovido das conotações culturais do termo original (Vlahov e Florin 2020, p. 43). Em ambos os casos, todavia, perdem-se inevitavelmente a cor local, a autenticidade e as implicações histórico-culturais, que podem ser mantidas apenas através da transcrição: desta forma, alguns dos *realia* permanecem na língua de tradução, enquanto outros são empréstimos que não se manterão (Newmark 1988, p. 65). A não ser que exista uma tradução geralmente aceita e acessível ao leitor, a transcrição torna-se obrigatória em alguns casos, entre os quais se assinala precisamente a presença de termos de conhecimento geral do país da língua original, quando na língua de tradução não se encontram equivalentes (Newmark 1988, p. 266).

Entre os termos colocados na Tabela 2, *chegança* (exemplo 9) indica uma tradição própria da cultura nordestina e não tem uma palavra italiana equivalente, razão pela qual é possível aceitá-lo na sua forma original, colocando-o em itálico e explicitando detalhadamente as suas características num glossário posto no início ou no fim do livro traduzido, que possa ajudar na compreensão das palavras intraduzíveis e mais complexas (Newmark 1988, p. 266). No caso do trecho de INF tomado como exemplo, o *realia* é logo seguido por uma eficaz explicação do autor (“briga de mouros e crentes verdadeiros” 1984, p. 143), que na tradução pode auxiliar a leitura e a compreensão do leitor italiano. Mais uma vez, a designação *embolada* (exemplo 10) refere-se a uma forma poético-musical nordestina que não tem correspondência na cultura italiana, sendo, por isso, intraduzível e tornando necessária a colocação de uma explicação no glossário. Por fim, *carne-de-sol* (exemplo 11), locução que pertence à culinária da região, pode ser

<sup>11</sup> Em síntese, os principais procedimentos adotados para traduzir os *realia* são os seguintes: a transcrição ou transliteração; a introdução de neologismos (decalque, neologismo semântico); a tradução aproximada (generalização, equivalente funcional, descrição, explicitação, interpretação); a tradução contextual (Vlahov e Florin 2020, pp. 29-50).

acompanhada, no texto traduzido, por uma locução explicativa como ‘carne essiccata al sole’, que facilite a sua compreensão.

Portanto, relativamente aos exemplos acima mencionados, na nossa opinião é recomendável manter as denominações originais, avaliando também a possibilidade de recorrer simultaneamente ao procedimento da explicitação que, além de ser praticada no glossário acima referido, pode ser também colocada dentro do próprio texto, entre vírgulas, travessões, aspas ou parênteses (Gonçalves Barbosa 2004, p. 74).

### 3. Outros marcadores culturais

De acordo com o conceito de *lexiculture* formulado por Robert Galisson (1991), as palavras são culturalmente marcadas, assumindo valores multifacetados e específicos acrescentados, que dependem da utilização que delas fazem os membros de uma sociedade num determinado momento histórico. Cada língua está totalmente imersa num contexto cultural preciso: o uso e os significados do léxico são elementos que mantêm unidos e distinguem uma comunidade de falantes, estando particularmente próximos das práticas sociais e quotidianas que constituem uma autêntica cultura de experiência.

Retomando o nosso *corpus*, entre os principais grupos de termos culturalmente marcados, conhecidos e empregados também em outros estados do país, encontramos as formas de tratamento que definem várias tipologias de relações sociais (*senhor, seu, sinhá*, Tabela 3) e as palavras que indicam elementos como as ricas tradições populares (*aboio, vaquejada*, Tabela 4), os objetos do quotidiano (*cuia, cumbuco*, Tabela 5), a comida (*alfenim, canjica, cachaça, pinga*, Tabela 6) e a natureza (*cassaco, catinga*, Tabela 7) do sertão.

<p>12. <i>Senhor</i> - Que justiça! Não há justiça nem há religião. O que há é que <i>o senhor</i> vai espichar aqui trinta contos e mais os juros de seis meses. Ou paga ou eu mando sangrá-lo devagarinho. (SB, 13) - Macché giustizia! Non c'è giustizia né religione che tenga. C'è solo da sganciare qui trenta contos più gli interessi di sei mesi. O <b>lei</b> paga subito o la faccio sbudellare pian pianino. (SBI, 17)</p>	<p>Tratamento de respeito ou cortesia dirigido a um indivíduo com o qual não existe uma relação íntima, sendo ele considerado hierarquicamente superior.</p>
--	--

<p>13. <i>Seu</i>  Pensou na família, sentiu fome. Caminhando, movia-se como uma coisa, para bem dizer não se diferenciava muito da bolandeira de <i>seu</i> Tomás. (VS, 14)  Pensò alla famiglia, sentì fame. Quando camminava, si muoveva come una cosa, a dire il vero, non si differenziava molto dalla macina del <b>Sor</b> Tommaso. (TB, 46)  Pensò alla famiglia, sentì fame. Quando camminava, si muoveva come una cosa, a dire il vero, non si differenziava molto dalla macina di <b>Seu</b> Tomás. (VSi, 18)</p>	<p>Contração de <i>senhor</i>, tratamento de respeito ou cortesia. No Nordeste do Brasil, assim como em todo o país, antecede o nome, o apelido e os títulos profissionais.</p>
<p>14. <i>Sinha</i> (cf. <i>sinhá</i>)  Arrastaram-se para lá, devagar, <i>sinha</i> Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. (VS, 9)  Si trascinarono in quella direzione, lentamente: <b>Vittoria</b> (TB)/<b>Vitória</b> (VSi) con il figlio minore a cavalcioni sull'anca e il baule di lamiera sulla testa, Fabiano tetro, sbilenco, la bisaccia a tracolla, la ciotola appesa a una cinghia fissata al cinturone, il fucile ad acciarino sulla spalla. (TB, 39; VSi, 13)</p>	<p>Forma de tratamento com que os escravos designavam a senhora ou patroa, em sinal de respeito. Ainda hoje se utiliza no Nordeste como termo familiar.</p>

Tabela 3.

Para traduzir a forma de tratamento *Senhor*, em SBi é escolhida a forma ‘lei’, particularmente culta e pouco adequada ao contexto de referência. Na perspectiva de uma tradução que não seja datada mas também não excessivamente moderna, talvez seja recomendável considerar o pronome de tratamento ‘voi’, de uso menos urbano e mais rural. De facto, o ‘voi’ sobrevive em muitos dialetos, especialmente no sul da Itália, sendo utilizado com frequência em contextos rurais (Serianni 1988, p. 227). Todavia, hoje em dia, o seu emprego limita-se a um registo familiar e geracional, em declínio entre os mais jovens.

Em relação à forma de tratamento *seu*, em TB é empregue uma análoga italiana, ‘sor’, apelativo popular, comum ainda hoje na fala das regiões da Itália centro-setentrional, utilizada antes de nomes, apelidos e títulos. Em VSi é aceite a forma de tratamento em português, que acompanha o nome do protagonista na sua grafia original, seguida de uma explicação no glossário.

Ambas as soluções são válidas, mas, de acordo com a perspectiva de manter e reforçar a marca cultural da forma de tratamento em questão, parece preferível a escolha de VSi.

Por fim, relativamente à forma de tratamento *sinhá*, em TB esta é omitida, enquanto o nome da protagonista é traduzido. Em VSi a forma de tratamento em questão é também eliminada e o nome da protagonista é mantido na língua original, seguido de uma breve explicação do termo no glossário que se encontra na parte final do livro, associado ao lema ‘seu’. Para uma tradução em italiano poder-se-ia considerar o emprego de ‘Signora’, apelativo com letra maiúscula usado no âmbito familiar, especialmente pelo pessoal de serviço doméstico, para indicar a dona de casa. No entanto, tal escolha tornaria a leitura difícil, dadas as numerosas ocorrências da forma de tratamento a ser traduzida no texto. Esta é provavelmente a razão pela qual a entrada não foi traduzida em TB e VSi. É certo que o procedimento da omissão prevê a eliminação dos elementos do texto na língua original considerados desnecessários ou repetitivos na língua de tradução (Gonçalves Barbosa 2004, p. 68). Todavia, na nossa opinião, neste caso específico, com vista a atualizar a tradução, seria mais eficaz aceitar a forma original de tratamento, portadora de um valor cultural que precisa de ser preservado e valorizado, acompanhando-a por uma explicação exaustiva no glossário (de acordo também com a escolha praticada em VSi, no caso do exemplo 13).<sup>12</sup> Deste modo, por encerrarem um conjunto de valores e padrões comportamentais que revelam origens e relações sociais (profissionais, hierárquicas, de amizade), os marcadores sociais têm um valor cultural notável e merecem atenção especial no processo de tradução assim como no estudo de uma obra já traduzida, principalmente tratando-se de obras de cunho regionalista.

<p>15. <i>Aboio</i> De luz havia, na fazenda, o fogo entre as pedras da cozinha e o candeeiro de querosene pendurado pela asa numa vara que saía da taipa; de canto, o bendito de Sinha Vitória e o <i>aboio</i> de Fabiano. (VS, 74) <b>Aboio</b> (TB, 119); <b>aboio</b> (VSi, 70)</p>	<p>Canto monótono com que os vaqueiros conduzem as boiadas ou chamam as reses dispersas.</p>
--	--

<sup>12</sup> Para aprofundar a tradução das formas de tratamento, recomenda-se a leitura de Salomão SN. 2016, *Aspetti dell’allocuzione portoghese nella traduzione letteraria verso l’italiano*, em “Lingue europee a confronto. La linguistica contrastiva tra teoria, traduzione e didattica”, a cura di Puato D., Collana Studi e Ricerche n. 54, Sapienza Editrice, Roma, pp. 133-147.

<p>16. <i>Vaquejada</i>          Sinha Vitória, queimando o assento no chão, as mãos cruzadas segurando os joelhos ossudos, pensava em acontecimentos antigos que não se relacionavam: festas de casamento, <i>vaquejadas</i>, novenas, tudo numa confusão. (VS, 11)  <b>Gara di bovari</b> (TB, 42); <i>vaquejada</i> (VSi, 15)</p>	<p>Espécie de torneio onde os vaqueiros demonstram as suas habilidades na derrubada de novilhos.</p>
--	--

Tabela 4.

Típico do Nordeste do Brasil, o *aboio* (15) é uma canção antiga entoada por vaqueiros quando levam o gado ao pasto ou chamam animais desaparecidos. Caracterizada por uma melodia triste e lenta que acompanha bem o ritmo pacífico dos rebanhos, esta canção individual é composta por frases improvisadas muito curtas de simples incitação. Mais uma vez, trata-se de uma palavra intraduzível na língua italiana, portanto a solução de colocar uma explicação no glossário, quer em TB quer em VSi, parece a escolha mais adequada.

O termo *vaquejada* (16) refere-se a uma competição pertencente à tradição cultural nordestina, que se tornou um verdadeiro desporto em muitos estados do Nordeste, durante a qual os criadores de gado, aos pares e a cavalo, têm de demonstrar a sua capacidade de cercar e domar os bezerros. Em TB encontra-se a locução ‘gara di bovari’, capaz de restituir o significado semântico do termo original, inserindo-se de forma coerente na enumeração presente no texto. Em VSi atualiza-se a tradução na perspectiva de preservar o valor histórico, social e cultural transmitido pelo termo mantido na sua grafia original, sempre seguido de uma explicação no glossário. Ambas as soluções são admissíveis: no caso de TB é feita uma tradução do termo culturalmente marcado através de uma sua explicitação que permite a eliminação do estrangeirismo, auxiliando a compreensão (Gonçalves Barbosa 2004, p. 75); no de VSi, por meio da introdução da palavra culturalmente marcada, comunica-se também a cor local e todas as implicações culturais.

<p>17. <i>Cuia</i> Arrastaram-se para lá, devagar, Sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a <i>cuia</i> pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. (VS, 9) <b>Ciotola</b> (TB, 172; VSi, 13)</p>	<p>Recipiente ovoide feito do fruto da cueira (árvore nativa do Brasil), de casca lenhosa e impermeável, seco e desprovido de polpa, usado para beber e transportar líquidos, farinha, sementes. A sua origem é tupi.</p>
<p>18. <i>Cumbuco</i> Chegou-se ao jirau onde se guardavam <i>cumbucos</i> e mantas de carne, abriu a mochila de sal, tirou um punhado, jogou-o na panela. (VS, 42) <b>Zucche da acqua</b> (TB, 80; VSi, 42)</p>	<p>Cf: <i>cumbuca</i>, vasilha feita com a casca do fruto da cueira ou do cabaceiro (árvore nativa do Sudeste brasileiro), de acordo com o mesmo procedimento da cuia.</p>

Tabela 5.

A tradução ‘zucche da acqua’ do termo *cumbuco* (18), sinónimo de *cuia* (17), parece de fácil compreensão, segundo um procedimento de equivalência na língua de chegada: as abóboras utilizadas como recipientes no âmbito de um contexto rural sugerem a pobreza dos meios à disposição. Aliás, de acordo com o *Vocabolario della lingua italiana Treccani*, antigamente, na Itália, as abóboras, esvaziadas da polpa e dessecadas, eram empregadas como recipientes para transportar água, vinho, sal, graças à leveza e à impermeabilidade (1987, pp. 1283-1284).

<p>19. <i>Alfenim</i> No calor, o jacto frio nos acariciava. Seu Felipe Benício esfregava-se com sabão e estava cor de <i>alfenim</i>. (INF, 154) <b>Alfenim</b></p>	<p>Massa de açúcar branca. Em sentido figurado: pessoa delicada, mole.</p>
<p>20. <i>Canjica</i> À noite, enquanto a negrada sambava, num forrobodó empestado, levantando poeira na sala, e a música de zabumba e pífanos tocava o hino nacional, Padilha andava com um lote de caboclas fazendo voltas em redor de um tacho de <i>canjica</i>, no pátio que os muçambês invadiam. (SB, 15) <b>Dolce di mais</b> (SBi, 20)</p>	<p>Papa cremosa de milho ralado e cozido com leite e açúcar.</p>

<p>21. <i>Cachaça e pinga</i>          Aí certificou-se novamente de que o querosene estava batizado e decidiu beber uma <i>pinga</i>, pois sentia calor. Seu Inácio trouxe a garrafa de aguardente. Fabiano virou o copo de um trago, cuspiu, limpou os beiços à manga, contraiu o rosto. Ia jurar que a <i>cachaça</i> tinha água. (VS, 26)  <b>Grappa</b> (TB, 62); <b>cachaça</b> (VSi, 29)  <b>Grappino</b> (TB, 61); <b>pinga</b> (VSi, 29)</p>	<p><i>Cachaça</i>: aguardente que se extrai, por fermentação e destilação, das borras do melaço da cana-de-açúcar. Foi a primeira bebida destilada no Brasil no séc XVI, antigamente difundida entre as camadas mais pobres. Em seguida tornou-se bebida nacional, preferida pelos patriotas, que se recusavam a beber vinho, especialmente português. A origem do nome, todavia, é portuguesa, sendo a <i>cachaça</i> já difundida na região do Minho antes mesmo que no Brasil.</p> <p><i>Pinga</i>: denominação popular de <i>cachaça</i>. Antigamente era servida quente aos escravos nos engenhos. No sentido figurado, indica também uma pessoa bêbada, que bebe muito ou desprovida de dinheiro.</p>
---	---

Tabela 6.

*Alfenim* (19) é um termo culinário que indica um doce de origem árabe, feito de pasta de açúcar e óleo de amêndoas, típico de muitos estados do Brasil. No Nordeste, ao contrário do resto do país, apresenta-se também em forma de flores e animais. Em sentido figurado, provavelmente através de uma referência implícita ao seu gosto particularmente doce, o termo em questão designa também uma pessoa com modos delicados. A palavra *canjica* (20), difundida especialmente no sul do país (no Nordeste é mais comum a designação de *mungunzá*), indica um outro doce típico brasileiro, uma espécie de pudim feito com milho, leite e açúcar. Embora a locução escolhida em SBi ‘dolce di mais’ facilite a compreensão do leitor italiano, na nossa opinião seria preferível manter a denominação original, culturalmente marcada, acrescentando uma explicação no glossário. Como já sublinhado antes, não existem escolhas certas ou erradas e, de acordo com a sempre atual lição de Peter Newmark (1988), o tradutor tem uma certa liberdade para tratar os termos culturalmente marcados. Mesmo reconhecendo esta autonomia do tradutor, Newmark acrescenta que “geralmente o método preferido para um termo [...] típico de uma cultura estrangeira [...] é a transcrição, acompanhada por uma explicação discreta no texto. Caso o termo se difunda, pode ser adoptado na língua de tradução – este método é um sinal de devido respeito pelas culturas estrangeiras” (1988, p. 151, tradução nossa). No vocabulário literário bilingue optou-se por manter os termos da culinária na língua original, mesmo nos poucos casos em que era possível utilizar equivalentes culturais ou locuções explicativas que, como já salientado, permitiriam a eliminação dos *realia* através da explicação, tornando imediata a



compreensão. Todavia, este procedimento teria restituído um significado parcial dos termos em questão, devido também, muitas vezes, a uma tentativa de domesticação a uma cultura alheia. Neste sentido, a atualização proposta por Andrea Ciacchi em VSi relativamente aos termos *cachaça* e *pinga* (21) é igualmente significativa. De facto, em TB assistimos a uma tentativa de reconstruir a sinonímia do texto original através do procedimento da equivalência (Gonçalves Barbosa 2004, pp. 67-68 e Newmark 1988, pp. 65, 272) que, como é sabido, consiste na escolha de um termo culturalmente equivalente na língua de tradução, ou seja, um homólogo local. Em VSi são aceites os termos em português, respeitando a conotação cultural dos dois: o termo ‘cachaça’, agora, é universalmente conhecido na sua forma original como bebida brasileira por excelência, enquanto para a ‘pinga’ é preciso propor uma explicação no glossário.

<p>22. <i>Cassaco</i> Voltamos para a fazenda, mas aí Cesária apanhou um resfriado, cuspiu sangue, esteve uns meses bamba, entre a vida e a morte. Magra como um <i>cassaco</i>, amarela como gema de ovo. (AL, 48) <b>Opossum</b> (TA)</p>	<p>Sinónimo de <i>gambá</i>, designação comum dos marsupiais da família dos didelfídeos, encontrados do sul do Canadá ao norte da Argentina. Aliás, no Nordeste, o termo indica também: o operário que atua na construção de estradas de ferro; o trabalhador em engenhos e usinas de cana-de-açúcar.</p>
<p>23. <i>Catinga</i> (cf. <i>caatinga</i>) - Fiz tenção de saltar no lombo do bicho e largar-me com ele na <i>cattinga</i>. Era o jeito. (AL, 16) <b>Catinga</b> (TA)</p>	<p>Vegetação típica do Nordeste brasileiro e de parte do Norte de Minas Gerais, em que predominam espinheiros, árvores tortuosas, cardos. A sua origem é tupi.</p>

Tabela 7.

Por fim, no que respeita à natureza, encontramos numerosas palavras culturalmente marcadas, como *cassaco* (22) e *cattinga* (23). O primeiro termo (22), sinónimo de *gambá*, é um regionalismo nordestino que, além do animal, no Nordeste indica também uma série de figuras envolvidas em ocupações manuais. Nei Lopes sugere uma sua origem banta, especificamente do quicongo *kasakana*, ou seja, ‘trabalhar, fazer qualquer coisa sob o império da fome ou de outras necessidades’ (Houaiss 2001, p. 645). Para além de uma possível ambiguidade de fundo (a magreza que pode ser do trabalhador assim como do animal, provindo os dois do mesmo contexto de precariedade), no trecho tomado como exemplo é mais provável que o autor se refira principalmente ao animal, visto o seu hábito de estabelecer comparações com o mundo da natureza em geral e dada também a profunda relação que existe entre este último e o livro de contos em questão. O segundo termo (23) refere-se a uma vegetação desolada que, como nos lembra incisivamente

Edoardo Bizzarri no próprio glossário da tradução italiana de *Grande sertão: veredas*, conota-se por “um senso de sofredora, dramática desolação, desconhecido para qualquer expressão de paisagem europeia” (Rosa 2007, p. 495), sendo, portanto, intraduzível.

#### 4. Conclusões

Como se torna claro através dos poucos exemplos discutidos, representativos de um conjunto mais rico e amplo, a realidade cultural e social de referência das obras analisadas, nas suas formas multifacetadas, emerge, entre outros aspetos estruturais, graças às escolhas lexicais do autor. Falar de ‘regionalismos nordestinos’, na maioria das vezes, significa fornecer uma localização muito extensa, sendo o Nordeste geograficamente vasto e apresentando uma enorme variedade diatópica e diastrática. Com os provérbios e os idiomatismos a situação torna-se ainda mais complicada, porque muitos deles não estão registados nos dicionários fraseológicos e é preciso analisar cuidadosamente a estrutura, os significados, a proximidade com outros ditados dicionarizados, com os quais partilham elementos específicos.

Como é sabido, no que diz respeito aos estudos que levam em conta as determinadas variedades regionais de termos e expressões populares do Brasil<sup>13</sup>, *A língua do Nordeste* de Mário Marroquim (1934) foi um dos primeiros trabalhos publicados sobre a região toda, destacando em particular os estados de Pernambuco e Alagoas, com enfoque na fonologia, no léxico e na sintaxe da fala. Em referência aos Atlas Linguísticos do Nordeste em curso (nota 16), há também o Atlas Linguístico do Estado de Alagoas

<sup>13</sup> Sonia Salomão (2012, pp. 145-148), após ter mencionado a proposta clássica de Antenor Nascentes feita em 1922, de acordo com a qual o falar brasileiro foi dividido em seis subfalares reunidos em dois grupos maiores (o amazônico e o nordestino no grupo do norte; o baiano, o mineiro, o fluminense e o sulista no grupo do sul), refere-se a algumas propostas em fase de preparação. Entre os levantamentos enumerados, no que diz respeito ao Nordeste, efetivamente concretizaram-se os seguintes: o Atlas Linguístico de Sergipe II, 2002; o Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco, 2009; o Atlas Linguístico do Estado do Ceará, 2010; o Atlas Linguístico de Pernambuco, 2013. Ainda relativamente aos Atlas Linguísticos estaduais do Nordeste em curso, todos seguindo os parâmetros teórico-metodológicos do projeto do Atlas Linguístico (AliB), assinalamos: o Projeto sobre o português falado no Maranhão (ALIMA), coordenado pela Professora Conceição de Maria de Araújo Ramos; o Projeto para o desenvolvimento do Atlas Linguístico do Piauí (AliPI), coordenado pelos Professores Maria do Socorro Silva de Aragão e Luiz Egito de Souza; o Projeto para o desenvolvimento do Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte (ALIRN), coordenado pela Professora Maria das Neves Pereira, resultado da sua tese de Doutorado. Recorde-se que depois da proposta de Antenor Nascentes, nenhuma outra divisão foi dada a conhecer. <http://alib.ufba.br/atlas-regionais> (22/03/2023).

(ALEAL), elaborado como tese de Doutorado por Maranúbia Pereira Barbosa-Doiron (UEL), em 2017.<sup>14</sup>

Como demonstrado até agora, a identificação e a tradução dos termos marcados culturalmente numa língua e numa cultura diversas daquelas de partida envolvem operações estritamente linguísticas assim como uma avaliação dos fatores culturais expressos na língua original. Refletindo sobre as diferentes abordagens que constituem a operação da procura da “dizibilidade de um texto em uma língua/cultura de recepção diversa daquela que deu origem ao texto”, Aubert afirma que:

[...] a visão cultural estabelece-se – com maior ou menor rigor metodológico – como um olhar antropológico; a perspectiva terminológica deriva, em parte, dos estudos lexicológicos e lexicográficos, mas, mais fundamentalmente, de uma epistemologia das ciências básicas e aplicadas; já o ponto de vista contrastivo ou comparado embutido no conceito das *modalidades* ou *procedimentos técnicos da tradução* enraíza-se na linguística descritiva e no olhar estruturalista, que adota, como axioma, a autonomia das línguas e, principalmente, da linguagem, enquanto objeto de estudo. É possível, portanto, simplesmente aceitar que cada uma dessas abordagens é defensável em seus próprios termos; que não se trata de um dilema, e sim, tão somente, de um paralelismo científico [...]. (2006, p. 26)

Identificar e traduzir os aspetos culturais nas obras regionalistas, então, revelam-se processos complexos e fascinantes, de interesse não só para os estudos de tradução, mas também para outras disciplinas, como a antropologia e a literatura. Cada palavra analisada encerra em si conexões linguísticas e extralinguísticas que evocam um variegado universo cultural determinado, património coletivo de uma terra e de um povo, detentor de tradições, de um sistema de valores, de anseios cósmicos. A língua, meio de interação social, é um facto cultural e nela se manifestam as crenças e os comportamentos dos grupos sociais que a utilizam. Os marcadores culturais, portanto, não devem ser considerados isoladamente, mas no âmbito do próprio contexto de origem, em relação à situação discursiva em que estão colocados, para depois serem devidamente transpostos e compreendidos numa língua e numa cultura estrangeiras.

<sup>14</sup>No âmbito dos estudos do léxico, indicamos também outras pesquisas em andamento: *O léxico da área semântica: vestuário e acessórios no Nordeste do Brasil*, começada em 2017 pela doutoranda Carina Sampaio Nascimento (FBB), baseada no *corpus* referente ao léxico do campo dos acessórios do Projeto ALiB; o *Vocabulário dialetal da região Nordeste*, começado em 2021 pela doutoranda Maria José Ferreira da Silva (UFBA).

**Nota biográfica:** Michela Graziosi possui Graduação em “Lettere moderne”, dois Mestrados em “Scienze del testo” e “Scienze Linguistiche, Letterarie e della Traduzione”, Doutoramento em “Filologia e Letterature Romanze”, todos pela Universidade de Roma La Sapienza. Na mesma Universidade é Secretária da Cátedra Vieira e “cultrice della materia” pela Cátedra de Língua e Tradução Portuguesa e Brasileira. Ministrou a disciplina de *Literatura Portuguesa e Brasileira na Universidade D’Annunzio* em Pescara (ano letivo 2020/2021) e obteve uma bolsa de pós-doutoramento em *Língua e Tradução Portuguesa e Brasileira* na Universidade de Roma La Sapienza (2022/2023).

**Email:** [michela.graziosi@uniroma1.it](mailto:michela.graziosi@uniroma1.it)

## Referências bibliográficas

- AA. VV. 1987, *Vocabolario della Lingua Italiana Treccani*, Istituto dell'Enciclopedia Italiana fondato da Giovanni Treccani, Roma.
- Almeida E.M. de O. 2009, *Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco-Almaspe*, Dissertação (Mestrado em Linguagens e Cultura) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Aragão M. do S. e Bezerra de Menezes CP. 1984, *Atlas Linguístico da Paraíba*, UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, Brasília.
- Aragão M. do S., Bezerra de Menezes CP. e Pereira M. 2005, *Atlas linguístico do Rio Grande do Norte: um projeto em desenvolvimento*, em Aguilera V. de A. (org.), *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*, UEL, Londrina, pp. 285-297.
- Aragão M. do S., Bezerra de Menezes CP. e Souza LE. 2007, *Atlas linguístico do Piauí. Projeto*, UFPI, Teresina.
- Araújo C. de M. 2006, *Atlas Linguístico do Maranhão. Projeto*, UFMA, São Luís.
- Aubert F.H. 1981, *A tradução do intraduzível*, FFLCH/USP, São Paulo (manuscrito).
- Aubert F.H. 1998, *Modalidades de tradução: teoria e resultados* in “Revista Tradterm” 5, pp. 99-128.
- Aubert F.H. 2006, *Indagações acerca dos Marcadores Culturais na Tradução*, em “Estudos Orientais” 5, São Paulo, pp. 23-36.
- Barbosa-Doiron MP. e Pereira M. 2017, *A motivação semântica nas respostas dos informants do Atlas Linguístico do estado de Alagoas (ALEAL)*, 2 vol., tese (Doutorado em Estudos da Linguagem), Departamento de Letras, UEL, Brasil, e Université Grenoble Alpes, França. <http://www.uel.br/eventos/sedata/pages/edicao-atual/barbosa-doiron.php> (22/03/2023).
- Bessa J.R.F. (org.) 2010, *Atlas Linguístico do Ceará*, vol. I – Introdução, vol. II – Cartogramas, Universidade Federal do Ceará, Edições UFC, Fortaleza.
- Borba F.S. 2002, *Dicionário de usos do português do Brasil*, Ática, São Paulo.
- Borges C.J. 2010, *Dicionário regional de gírias e jergões*, Editora do CTC, Serra, Espírito Santo.
- Buarque De Holanda A. 2009, *Novo Dicionário Aurélio*, Editora Positivo, Curitiba.
- Cardoso S.A.M. da S. 2002, *Atlas Linguístico de Sergipe II*, 2 v., SAM. da S. Cardoso, Rio de Janeiro.
- Cascudo L.C. 1984, *Dicionário do folclore brasileiro*, Editora Itatiaia, Belo Horizonte.
- Chiaradia C. 2008, *Dicionário de palavras de origem indígena*, Limiar, São Paulo.
- Ferreira C. et alii 1987, *Atlas Linguístico de Sergipe*, UFBA, Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, Salvador.
- Galisson R. 1991, *De la langue à la culture par les mots*, CLE Internacional, Paris.
- Gonçalves Barbosa H. 2004, *Procedimentos técnicos da tradução. Uma nova proposta*, 2<sup>o</sup> edição, Campinas, Pontes.
- Guimarães Rosa J. 2007, *Grande sertão: veredas*, Feltrinelli, Milano.
- Houaiss A. et alii 2001, *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Objetiva, Rio de Janeiro.
- Houaiss A. et alii 2009, *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Objetiva, Rio de Janeiro.
- Machado J.P. 1986, *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua portuguesa*, Editorial Confluência, Lisboa.
- Marroquim M. 1996 [1934], *A língua do Nordeste*, 3<sup>o</sup> ed., HD Livros Editor, Curitiba.

- Martins N.S.A. 2001, *O léxico de Guimarães Rosa*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.
- Nascimento C.S. e Moura Torres Paim M. 2020, *A variação lexical no campo semântico: vestuário e acessórios do Projeto Atlas Linguístico do Brasil*, in “Traços de Linguagem” v. 4, n. 1, Cáceres, pp. 24-37.  
[https://www.researchgate.net/publication/345327751\\_A\\_variacao\\_lexical\\_no\\_campo\\_semantico\\_vestuuario\\_e\\_acessorios\\_do\\_Projeto\\_Atlas\\_Linguistico\\_do\\_Brasil](https://www.researchgate.net/publication/345327751_A_variacao_lexical_no_campo_semantico_vestuuario_e_acessorios_do_Projeto_Atlas_Linguistico_do_Brasil) (22/03/2023)
- Navarro F. 2004, *Dicionário do Nordeste*, Estação Liberdade, São Paulo.
- Newmark P. 1988, *La traduzione: problemi e metodi. Teoria e pratica di un lavoro difficile e di incompresa responsabilità*, Traduzione di Frangini F., Garzanti, Milano.
- Nida E. 1945, *Linguistic and ethnology in translation problems*, in “Word” 1.2, pp. 194-208.
- Osimo B. 2004, *Manuale del traduttore*, Hoepli, Milano.
- Pereira M. [s.d.], *Atlas linguístico do Rio Grande do Norte*, UNP, Natal.
- Projeto Atlas Linguístico do Brasil ALiB. <http://alib.ufba.br/atlas-regionais> (22/03/2023).
- Ramos G. 1954, *Angoscia*, Traduzione di Lo Presti Seminerio F., Fratelli Bocca Editori, Milano/Roma.
- Ramos G. 1954, *Memórias do cárcere*, 4 voll., Record, Rio de Janeiro/São Paulo.
- Ramos G. 1961, *Terra bruciata*, Traduzione di Bizzarri E., Nuova Accademia Editrice, Firenze.
- Ramos G. 1969, *Angústia*, Martins, Rio de Janeiro.
- Ramos G. 1969, *Caetés*, Martins, Rio de Janeiro.
- Ramos G. 1984, *Infância*, Record, Rio de Janeiro/São Paulo.
- Ramos G. 1992, *Cartas*, Record, Rio de Janeiro.
- Ramos G. 1993, *San Bernardo*, Traduzione di Oliveira da Fonseca LF. e Perlo G., Bollati Boringhieri, Torino.
- Ramos G. 1998, *Alexandre e outros heróis*, Record, Rio de Janeiro/São Paulo.
- Ramos G. 2001, *São Bernardo*, Record, Rio de Janeiro/São Paulo.
- Ramos G. 2001, *Vidas Secas*, Record, Rio de Janeiro/São Paulo.
- Ramos G. 2001, *Vite secche*, Traduzione di Bizzarri E., a cura di Ciacchi A., Biblioteca del Vascello, Roma.
- Reichmann T. e Zavaglia A. 2014, *A tradução juramentada de tratamentos escolares (português, francês, alemão)*, in “Tradução em Revista” 17, pp. 45-56.
- Rossi N. 1963, *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, INL, Rio de Janeiro.
- Sá E.J.D. 2013, *Atlas Linguístico de Pernambuco*, Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Salomão S.N. 2012, *A língua portuguesa nos seus percursos multiculturais*, Edizioni Nuova Cultura, Roma.
- Salomão S.N. 2016, *Aspetti dell’allocuzione portoghese nella traduzione letteraria verso l’italiano*, in Puato D. (a cura di), “Lingue europee a confronto. La linguistica contrastiva tra teoria, traduzione e didattica”, Collana Studi e Ricerche, n. 54, Sapienza Editrice, Roma, pp. 133-147.
- Salomão S.N. 2016, *O ensino da fraseologia e dos idiomatismos no âmbito da tradução: as versões portuguesa e brasileira de Palomar de Italo Calvino*, Felici M.S. (a cura di), *Glottodidattica della lingua portoghese. Una prospettiva diacronica e sincronica*, Tuga Edizioni, Roma, pp. 85-95.
- Salomão S.N. 2020, *Aspectos linguísticos e culturais da tradução: o complexo tema do sentido* in “Temas da Língua Portuguesa: do Pluricentrismo à Didática”, Nuova Cultura, Roma, pp. 53-75.

- Serianni L. 1988, *Grammatica italiana. Italiano comune e lingua letteraria. Suoni, forme e costrutti*, UTET, Torino.
- Vinay J.P. e Darbelnet J. 1958, *Stylistique compare du français et de l'anglais*. Didier, Paris.
- Vlahov S.I. e Florin S.P. 2020, *La traduzione dei realia: come gestire le parole culturospecifiche in traduzione*, traduzione dal russo di Osimo B. e Lipani L. (a cura di), Bruno Osimo Editore, Torrazza Piemonte, Kindle Direct Publishing.